2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 3. QUINTA FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DISCURSO DE ABERTURA DA SOCIEDADE AGRICOLA DE MADRID.

42 É para admirar como a Hispanha, ainda envolta no sudario em que as parcialidades politicas a pertenderam amortalhar, se ergue qual novo Lazaro á voz dos unicos principios civilisadores, e antepõe ás paixões de um povo guerreiro os principios de paz, que podem regenerar as nações. De dia para dia a situação economica da Hispanha se vai transformando, em virtude de uma serie de leis subordinadas ao pensamento governativo, que subsiste nos differentes ministerios, que successivamente se vão seguindo.

A Hispanha tem dois elementos de riqueza, que auxiliam o desinvolvimento dos seus interesses, e a creação de novos valores; possue territorio e população.

Pela posição geographica, e em virtude das leis naturaes que dahi resultam, a Peninsula deve receber, pela foz do Tejo, grande parte dos productos que troca pelos seus valores.

O poder dos homens é impotente para quebrar estes laços eternos, com que a Providencia uniu certas nações; — e os quaes ligam a Hispanha a Portugal formando de dois reinos uma só entidade social.

Causa espanto o considerar como estes dois povos se desconhecem: estão isolados como se cada um pertencesse a uma diversa parte do mundo. Esta separação de idéas, esta falta de trato e de instrucção commum não faz senão retardar o incremento da riqueza em ambos os paizes.

Só temos percebido que a Hispanha se enraiza em o nosso territorio em relação á politica, isto é, em relação á politica dos partidos, e não á politica da humanidade. É tempo de encarar este assumpto por um aspecto novo: d'aqui a pouco será tarde; e a Hispanha caminhando só, virá até sem o querer, revolucionar a nossa situação economica.

Até hoje quando qualquer modificação de principios politicos se notava no gabinete de S. Ildefonso, já em Portugal se receiava que a náo do estado tomasse novo rumo; é tempo de ampliar este meio acanhado de considerar duas nacionalidades visinhas. Em logar de estarmos sempre a olhar para os ministros do gabinete hispanhol, olhemos para a Hispanha, para o pensamento economico que a domina, e preparemo-nos para que o systema que adopte, e que para ella possa ser salvador, se não converta para nós em um cataclismo espantoso.

Começámos ha pouco a vida do trabalho; a nossa agricultura balbucia apenas alguns principios instructivos attestando com a sua crescida edade o nosso desleixo; — a industria fabril está no berço e mal póde resistir ao embate de uma resolução que fira a proteção que a tem alimentado: o nosso commercio mal ousa dar um passo pelas inaccessiveis communicações do reino, e falta-lhe o apoio do credito assente em larga e solida base para emprehender especulações externas.

Quando esta situação se apresenta, impõe deveres que se não pódem deixar de cumprir.

Conviria que o Governo fizesse estudar por pessoas competentes, que fossem a Hispanha, essa transformação economica que por tantos modos se annuncia, e que deve quanto antes deixar de ser para nós um mysterio.

Conviria que o principio da associação devidamente organisado, vigiasse os interesses nacionaes que podem padecer em taes circumstancias, tractando ao mesmo tempo de solicitar do Governo as compensações que podessem evitar, ou atenuar a grandeza do mal.

Conviria que a imprensa prestasse a luz da discussão a tudo quanto diz respeito ás relações economicas, que se referem a Portugal e á Hispanha.

É em virtude desta ultima consideração que publicamos hoje o discurso que no primeiro do corrente proferiu o ministro do commercio, instrucção e obras publicas ao abrir as sessões da Junta Agricola de Madrid. Este documento é de alta importancia porque revela que a alteração das pautas de Hispanha não é uma medida isolada, mas sim a consequencia de um systema economico.

Julgamos dever deixar á intelligencia dos nosaos leitores as varias reflexões que suscitam os mais importantes periodos do discurso: pela nossa parte parece-nos que seria inconveniente antecipar o juizo, que sobre taes periodos possam formar os interessados no seu estudo.

A convocação das Juntas de Agricultura, é o re-

conhecimento da necessidade absoluta de consultar as varias classes da sociedade quando se prepara no paiz uma profunda mudança na sua vida economica.

É extremamente honroso para a Hispanha presenciar a solemnidade com que as primeiras repartições do Estado se abrem, para hospedarem os representantes dos interesses agricolas, vindo um ministro da corôa saudar a inauguração das suas sessões.

Portugal deve convencer-se de que são estes os factos que será conveniente imitar, de que são estes os exemplos que todos os povos podem seguir com honra e proveito da patria.

Em seguida offerecemos aos leitores do nosso jornal o discurso a que nos referimos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Senhores. — O incançavel desvello de Sua Magestade, pelo incremento dos interesses do paiz, vos reune hoje para que a ajudeis, com as vossas luzes e conselhos, na grande obra que se propoz realizar. Proteger a propriedade territorial, animar a agricultura, e estreitar os vinculos entre uma e outra, pondo em harmonia interesses que só podem prosperar unidos; eis, senhores, os desejos da nossa rainha, e o grande pensamento que presidiu á convocação desta junta.

A vossa illustração não desconhecerá que deve affastar-se deste recinto esse falso nacionalismo, que ensoberbece enganosamente, exaggerando as boas condições de qualquer localidade. Este suffoca o espirito de emulação e concorrencia, e não deixa os povos participar do movimento progressivo da humanidade. O individualismo e o isolamento são os principaes inimigos dos homens, e onde quer que preponderem, lá apparecem o atrazo, a pobreza, e as paixões ruins.

Escuso tambem recommendar á vossa sabedoria que a prosperidade de um ramo da riqueza publica não se hade fundar na depreciação de outra.

Toda a protecção concedida para que um ramo da riqueza publica prospere á custa de outro, além de ser anti-economico e prejudicial aos interesses do paiz, é uma falsa protecção que mais ou menos tarde, anniquilla o ramo que se quiz proteger. A historia de todas as industrias nos ministram milhares de exemplos, que comprovam esta verdade, e sem procurar nas estranhas, temos em a nossa alguns, que não devemos esquecer. Possuiamos, senhores, as melhores lãs do mundo; os nossos merinos eram o objecto da inveja de todas as nações; quiz-se proteger esta industria, porém fez-se á custa da propriedade territorial e da industria agricola: e estes importantes ramos da riqueza publica definharam. A creação de gado prosperou por algum tempo; porém mais para o diante todas as vexações empregadas não bastaram para lhe sustentar a sua prosperidade. No proprio dia em que se quiz destruir os estorvos da propriedade, a creação de gados não poude sustentar-se. Pretendeu-se auxilial-a com as fabricas, e por um egual erro, se opposeram dificuldades taes á exportação que a creação dos gados cahiu no maior abatimento, sem chegar a fundar-se em solidas bases a industria fabril. Succedeu mais, senhores: negámos á Europa, por esses erros, as nossas finas lãs para as fabricas. A Allemanha procurou obter dos nossos gados, e com mais intelligencia, encaminhou os seus passos ao aperfeiçoamento das suas lãs, tendo nós hoje que lhe comprar esta materia prima, para alimentar as nossas atrasadas fabricas. A Inglaterra aperfeiçoou as suas raças maninhas, e conseguiu que seus carneiros produzissem mais lã que os nossos, e dando, assim como a França, um prodigioso impulso á sua industria fabril, creou um grande centro de producção na Australia, com cujas lãs nós não podemos competir.

Eramos fabricadores exclusivos de dois preciosos productos, a soda e a potassa, e forneciamos delles a toda Europa para as suas fabricas de cristaes, de vidros e de sabão. O nosso interesse exigia o incremento dessa fabricação estrangeira, que abria os seus mercados aos nossos productos: mas apesar disto, pertendeu-se proteger a fabricação nacional á custa deste ramo agricola: multiplicaram-se os estorvos á exportação; porém a industria fabril, vencendo estes obstaculos, inventou a soda artificial e cessou a procura da nossa. A propriedade e a agricultura de duas provincias inteiras soffreram inexplicavelmente, e sem termos alcançado ser fabricantes, hoje compramos soda estrangeira para alimentar as poucas fabricas, que se estabeleceram.

Quasi unicos tambem o fomos na preciosa producção da seda, e uma grande parte dos nossos campos era destinada ao seu cultivo. O desejo de proteger o fabrico nacional fez com que se prohibisse a exportação da seda em fio impondo-lhe enormes direitos: e como a nossa seda tambem pela sua má qualidade não satisfazia as necessidades da industria estrangeira, esta fomentou novos centros de producção em outros paizes: e nós sem podermos competir com o fabrico estrangeiro, vimos definhar a cultura deste precioso producto até que desappareceu de muitas provincias que nelle fundavam a sua riqueza.

O mesmo succedeu com o algodão, com o assucar, e com outros productos. Senhores, não nos illudamos: por estas e outras causas é que a nossa agricultura está em grande atrazo, comparada com a dos outros povos da Europa. O seu estado não é pois prospero. Com um clima benigno, com uma regularidade maravilhosa nas estações do anno, com bastas zonas de differente temperatura em limitados espaços e com a povoação mais frugal da Europa, que tornam pouco dispendiosos os trabalhos os nossos productos não podem competir com os dos outros paizes, nem mesmo nos nossos proprios mercados. Eis uma das principaes causas da escasez das nossas producções agricolas.

Sim, Senhores; é um erro grave julgar que temos um excesso de producção, como alguns pertendem inculcar. Em anno de abundancia de cereaes, não passe de dois milhões de fangas o excesso, que se exporta, coberto o consumo: e mesmo esta exportação não sa sustenta, senão em um mercado; e por esforços indisiveis do governo. Quando a escassez dos cereaes na Europa faz procurar os nossos, temos que prohibir a sua exportação para não sermos devorados pela fome.

Eu tenho uma profunda convicção de que a Hespanha melhorando as suas culturas, póde triplicar os seus productos agricolas, o que equival pela relação que esta tem com as demais industrias, a triplicar a

sua riqueza. Porém, que succederia, Senhores, se os productos agricolas tivessem estes augmentos, sem melhorar a sua condição, e sem alcançar as outras circumstancias, que os façam desejar nos mercados? Peiorar talvez a nossa situação e augmentar a diminuição do seu preço. Todos nós sabemos que os nossos azeites, não obstante as vantajosas condições do nosso sólo para esta producção, são os ultimos que tem sahida nos mercados européos. Este precioso producto, que tanto se vae estendendo pelas differentes provincias da Hespanha, bem depressa decahirá se não se aperfeiçoar o seu fabrico, para que possa competir com o de outros paizes.

Estes funestos effeitos estamo-los nós a sentir em muitos pontos, com os nossos vinhos. Provincias inteiras teem que inutilisar o producto das suas colheitas velhas, para poderem envasilhar os novos, por falta de consumo, sendo impossivel que possa cultivar-se este producto com as suas condições actuaes em muitos pontos da peninsula. Observemos, Senhores, que geralmente as terras deputadas a este cultivo não servem para outro, nem o supportam. Ao mesmo tempo que estamos sendo victimas desta calamidade, cresce entre nós o gosto dos vinhos estrangeiros, augmentando-se o seu consumo extraordinariamente. Isto revela, que a causa principal senão unica, da decadencia dos nossos vinhos, são o seu pessimo accondicionamento, e os nenhuns progressos do seu fabrico.

Triste e sombrio vos parecerá o quadro que vos acabo de appresentar; porém se sempre devemos respeitar a verdade, nunca este respeito é mais preciso do que quando se tracta de remediar os males que nos affligem. Sem se conhecerem estes, é impossivel removê-los. Ao governo pertence appresentar-vos a verdade em toda a sua puresa, afim de que possaes com vossas luzes e talentos ajudar o governo, em seus designios de proteger a nossa agricultura, até collocal-a a par das nações da Europa mais adiantadas.

No progresso da civilisação do nosso seculo, no incremento que teem tido todas as industrias, na competencia que proporciona a facilidade das communicações entre os differentes paizes, e no calculo em que se funda hoje o commercio, todos os esforços devem encaminhar-se para que os nossos productos reunam as condições de bondade, abundancia e baratesa na producção, para que possam ter sahida vantajosa dos mercados com proveito do productor.

Eu bem sei, senhores, que a este estado não podemos chegar sem se alcançar grande facilidade nas communicações, base essencial da barateza dos transportes. Não desconheço que provincias inteiras carecem de objectos, que as limitrophes produzem com grande abundancia, sem poderem achar consumo pela dificuldade das communicações. Porém tambem devereis saber, senhores, o cuidado com que o governo procura dar impulso a estas obras, que tanto beneficio hão-de produzir ao paiz. A abertura de estradas geraes e provincias, e tambem de caminhos viccinaes, é um dos pensamentos, que occupam o animo do governo, tendo nestes ultimos annos este ramo um regular impulso. Carecemos de que este seja maior, immensamente maior: e o governo, que o intende assim, se esforçará, não o duvideis, para que este impulso receba toda a actividade, que as nossas circumstancias permittam; alem de que vós delibereis tendo em vista o programma da vossa convocação.

Grande e altamente patriotica é a vossa missão, senhores: muito espera o paiz de vós; muito espera tambem o governo, que ardentemente deseja a prosperidade da nação.

Ao ver-vos abandonar, desinteressada e generosamente, vossas terras, para vos dedicardes a promover o bem do paiz, milhares de esperanças se despertaram, e a nação inteira confia em vós. O primeiro acto que haveis praticado, acudindo presurosos ao chamamento do governo, é um acto de abnegação e patriotismo. Em nome de S. M. e do governo vos agradeço, senhores, e porque tenho fé em vós, espero que o paiz ao ver os vossos trabalhos, vos saudará, proclamando que haveis bem merecido da patria.

Tal é a convicção que tenho de que as vossas sessões hão de ser uteis ao paiz, que não posso dissimular-vos o orgulho que me inspira a honra que me coube em abrir esta sessão, e que o meu nome appareça associado aos vossos, por tantos titulos respeitaveis, e que o serão ainda mais, se, como espero, conseguirdes dar impulso e vida ao primeiro e mais solido fundamento da riqueza publica. O acaso quiz que eu participasse desta honra; ella estava reservada ao meu digno antecessor, que teve a feliz inspiração de aconselhar a S. M. a convocação desta junta, pelo que é digno de que o seu nome occupe, e por certo occupará, um logar distincto na historia das vossas sessões.

NOVO INVENTO NO FABRICO DAS CORDAS.

Extrahimos do jornal francez o *Temps* o seguinte artigo:

43 «Vamos agora fallar de uma descoberta importante, e a qual ha de vir a exercer uma grande influencia na industria tão commum, porém tão atrazada da fabricação das cordas.»

«Esta descoberta é devida a M. Flachier, cordoeiro em Coudrieux, que teve a feliz lembrança de fabricar as cordas com linho e ferro, em partes eguaes; tendo assim a vantagem de reunir á fortaleza a flexibilidade. Estas cordas tem de mais o ficarem mais baratas do que as que de ordinario se usam.»

«As cordas que M. Flachier fabrica de linho e ferro, desde o maior diametro até ao mais pequeno, são mais flexiveis, menos grosseiras, menos grossas, e teem, termo medio, dois terços de duração mais do que as ordinarias, teem uma reducção de volume duas vezes maior, de modo que não occupam senão metade do espaço das antigas cordas. Estas da grossura de vinte e cinco centimetros e mais de circumferencia são vantajosamente substituidas pelas de M. Flachier, que apenas tenham doze de circumferencia.»

«A economia é tal que as officinas que consumiam 25 a 28 mil francos de cordoalha, apenas consumirão

metade desta quantia empregando as cordas de M. Flachier.»

«Este precioso invento foi justamente avaliado nas experiencias que fizeram as officinas de *Saint-Etienne*, de *Rive de Giers*, de *la Cote de Tulliére*, e pela companhia de ferro de *Saint-Etienne*. Estas cordas já foram adoptadas para o serviço dos emprezarios das pontes e caes, das companhias das fundições de forjas de *la Loire*, de *l'Ardeche*, da companhia dos transportes do *Rhone* e de *la Saone*.»

«Um futuro prospero é seguro á descoberta de M. Flachier: e é opinião nossa que o ministro da marinha devia mandar que a nossa marinha de guerra não empregasse mais cordoalha alguma que não fosse do systema de M. Flachier.»

AGRICULTURA.

Do melhoramento dos terrenos e da drainagem.

CAPITULO I.

(Continuado de pag. 14.)

Da acção da agua na vegetação.

44 O que deixamos dicto succede tambem ás plantas tomadas cada uma de per si: estas não absorvem sempre, em todas as épocas da vida, a mesma porção de agua, esta é a rasão porque quando a planta está no primeiro periodo da vida, requer maior porção de humidade; porém apenas este primeiro periodo finda, ou a planta começa a formar semente, ou a crear fructo, a humidade torna-se menos precisa á sua vegetação. Com effeito, na occasião da florescencia, todos os elementos, que devem servir para formar a semente, já teem sido trazidos pela seiva que se compõe na maior parte da agua. A planta não tendo pois mais do que crear a semente, não carece de um accrescimo de agua. É mesmo util, que a estação de amadurecerem os fructos não seja humida, porque se a planta continuar a absorver agua em fortes dóses, a qualidade da semente virá alterada.

A quantidade de humidade necessaria á vegetação depende da temperatura e do clima: sendo evidente que nos paizes meridionaes, onde o sol aquece fortemente a terra, a evaporação da agua é muito mais rapida, e mais completa. Se acontece faltarem as chuvas, pódem daqui provir terriveis sêccas. É por isto que nas terras meridionaes convem muitas vezes regar artificialmente plantas, que seria inutil e mesmo perigoso humedecel-as nos climas mais frios.

A natureza do terreno deve influir tambem muito sobre a quantidade de agua, que é indispensavel á vegetação. Quando a terra é em demasia permeavel, a agua, atravessando por entre ella com summa rapidez, não dá tempo a que as plantas absorvam a parte que lhes é necessaria: o calor penetra mais facilmente por entre o sólo, e a evaporação é por conseguinte mais forte. Para que estas terras pois produzam bem, é de necessidade que recebam maior parção de agua do que as que são mais consistentes.

Por outro lado, quando a terra tem grande afinidade para a agua, que as menores chuvas bastam para a impregnar bem, as plantas padecem, e custa-lhes muito a conseguir um perfeito desinvolvimento.

Assim para que as terras sejam aptas para a vegetação da maior parte das plantas, convem que a agua possa circular regularmente por entre ellas, a fim de haver tempo para que possa exercer a sua acção: porém logo que esta se acha cumprida, deve desaparecer, deixando a terra em um estado entre a fresquidão e a seccura.

Todos os agricultores sabem que as plantas de qualquer especie; que sejam, são em geral mais bellas, mais abundantes, e de melhor qualidade nos terrenos de uma consistencia media, nos quaes a agua opéra como acabamos de referir. Por isso, o fim constante de todo o agricultor laborioso deve ser o de procurar emendar os maus effeitos das seccas nas terras soltas, e de evitar as tristes consequencias que provém, nas terras fortes e humidas, da demora prolongada demais da agua.

Apenas sei de dois meios, que se possam empregar, para se alcançarem tão uteis resultados: é o primeiro, mudar ou modificar a pouco e pouco a natureza do terreno, misturando-lhe materias capazes de o tornar mais compacto e menos permeavel ás aguas, se for composto de terras ligeiras ou soltas: é o segundo, misturar materias ligeiras, se o terreno for de sua natureza compacto e forte. Podem-se tambem corrigir as terras em demasia soltas lançando-lhes porções de terras gordas, ou argilosas. Do mesmo modo se podem modificar as terras fortes empregando a cal, o gesso, as arêas, e muitas outras substancias. O emprego destes meios constitue o que se chamar *adubar* as terras, e todas as substancias, que se empregam com o intento de corrigir e modificar a natureza do sólo, *adubo*.

(Continuar-se-ha).

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AMOR COM AMOR SE PAGA.

Proverbio.

(Continuado de pag. 17.)

II

Um toucador.

SCENA IX.

A MARQUEZA, *vestida de branco e toucada com esmero, recostada n'um sofá;* D. LUIZ.

D. LUIZ.

45 Peço-te perdão, minha irmã. Foi uma imprudencia, que não deviamos, que eu não devia ter commettido.

MARQUEZA.

Tens razão. Eu considerei isto como uma simples distracção. Fui condescendente comtigo; e fiz mal. Destas condescendencias não as deve ter uma senhora.

D. LUIZ.

Tudo se póde remedear ainda. William voltará para Inglaterra sem saber nada a respeito da sua Dama Branca. Se o não receberes hoje, se lhe não tornares a apparecer, ir-se-ha de Portugal sem ter adivinhado o enigma.

MARQUEZA.

Mas o teu amigo padecerá muito. A sua alma exaltada póde leval-o a fazer alguma loucura.

D. LUIZ.

Não creio que a sua paixão por esse ente, que para elle é quasi um sonho, seja tão forte como tu pensas, Sofia. — Obtivemos já o nosso fim, que era accordar-lhe, dar-lhe vida ao coração: agora...

MARQUEZA.

Não, meu irmão: o seu coração ainda não está vivificado; ainda não sente o amor...

D. LUIZ.

Se o não sente, ao menos é já susceptivel de o sentir.

MARQUEZA.

Como sabes, como podeste conhecer isso?

D. LUIZ, *rindo.*

Foste tu a causa de eu conhecer, que o coração de William está completamente transformado. — *(Dando uma gargalhada)* Que singular situação, que singular conversa esta nossa. Ah! ah! ah!... Eu ainda tenho a cabeça tão ligeira, como quando saí do collegio. — E tu a aturares-me, minha pobre Sofia!

MARQUEZA, *séria.*

Mas explica-me, diz-me, como descobriste...

D. LUIZ.

Muito facilmente. — N'outro tempo, nunca William me dizia uma só palavra ácerca das mulheres que encontravamos na sociedade. Esta noite...

MARQUEZA.

Esta noite?

D. LUIZ.

Ao sairmos daqui fallou-me de ti com tal exaltação, que jurára que William te amava, se não soubesse que está namorada da sua fada de Cintra.

MARQUEZA.

Pois isso é verdade?

D. LUIZ.

Minha irmã, é preciso que me falles com franqueza. Estranho-te, acho-te mudada. — Que tens tu, que sentes, minha irmã?

MARQUEZA, *escondendo a cara com o véu que tem na cabeça.*

Parece-me que o amo.

D. LUIZ.

É o que eu receiava. Não o deves tornara vêr...

MARQUEZA.

Já é tarde. O mal está feito, meu irmão. — Para salvares o teu amigo, comprometteste a paz deste meu triste coração.

D. LUIZ.

Então que se lhe ha de fazer?

MARQUEZA.

Não sei. Deixa-me ouvil-o esta noite fallar livremente do seu amor...

D. LUIZ.

Mas, Sofia...

MARQUEZA.

Não saberá quem eu sou.

D. LUIZ.

Não seria melhor...

MARQUEZA.

Não me peças nada, Luiz. — Deixa-me ao menos uma hora de felicidade. — Dalli, daquelle quarto, ouvirás quanto dissermos, e proteger-me-has de mim mesma...

D. LUIZ.

O que eu fiz, meu Deus!

MARQUEZA.

Não te afllijas. Depois... terei força para tudo.

D. LUIZ.

Sinto passos... *(Olhando pela janella)*. Vem gente pelo jardim.

MARQUEZA.

É elle. Deixa-me só.

D. LUIZ.

Animo, minha irmã! Socega.

MARQUEZA, *sorrindo.*

Bem vês que estou socegada. Não hei de desmentir do meu caracter. Hei de representar o papel de heroina de romance, que tu me déste. *(D. Luiz entra no quarto, e fecha a porta; a Marqueza cobre-se com o véu)*.

SCENA X

A MARQUEZA, SIR WILLIAM,

Depois de uma longa pausa.

MARQUEZA, *apontando para um relojo.*

Não era grande a sua impaciencia. São já dez horas e meia.

SIR WILLIAM.

As suas primeiras palavras são uma queixa!

MARQUEZA.

A primeira vez, que me viu em Cintra, Sir William, tinha-o eu esperado. Quando no baile do Marquez de Athouguia, lhe dei um ramo de violetas, havia muito que eu corria todas as salas sem o achar. A ultima vez que o vi, esperei. Em nenhuma destas occasiões me custou esperar, porque só o acaso nos podia aproximar um do outro. Mas hoje... Esperei tambem, Sir William.

SIR WILLIAM, *aproximando-se da Marqueza.*

O meu crime foi involuntario.

MARQUEZA.

Talvez. Ha attracções irresistiveis.

SIR WILLIAM.

Que querem dizer essas palavras?

MARQUEZA.

Que pensa da Marqueza de Alicante, Sir William?

SIR WILLIAM.

Da Marqueza! — Vi-a hoje pela primeira vez: achei-a encantadora. Mas de certo, quando esse véu importuno se levantar, a imagem della se apagará da minha alma, para dar logar... a outra imagem mais bella. *(Quer sentar-se no sofá em que está a marqueza, mas ella mostra-lhe com um gesto uma cadeira ao lado).*

MARQUEZA.

Aqui.

SIR WILLIAM.

Mas...

MARQUEZA.

É preciso obedecer-me; senão, quebra-se o encantamento.

SIR WILLIAM, *sentando-se.*

Obedecer-lhe-hei em tudo. Para a vêr mais um instante farei tudo que me ordenar. Não posso explicar o effeito que sobre mim tem produzido...

MARQUEZA.

Diga-me, Sir William, a Marqueza é espirituosa?

SIR WILLIAM.

A Marqueza é uma senhora muito amavel. Mas fallemos de nós, deste misterio...

MARQUEZA.

É talvez uma destas *coquettes*, que fallam em tudo e não sentem nada.

SIR WILLIAM.

Que interesse tem V. Ex.ª em saber se a Marqueza é coquette?

MARQUEZA.

Tenho interesse e muito. Desejo saber que impressão lhe causou uma mulher que o fez esquecer de mim.

SIR WILLIAM.

Não se me apagou um instante da lembrança, a imagem suave da minha Dama Branca.

MARQUEZA.

E agora, apagou-se-lhe da lembrança a imagem da Marqueza?

SIR WILLIAM.

Uma das minhas excentridades, é dizer sempre a verdade.

MARQUEZA.

E então?..

SIR WILLIAM.

Devo confessar-lhe que ainda me não esqueci da Marqueza.

MARQUEZA.

Foi para mim uma ventura ouvir-lhe essas palavras.

SIR WILLIAM.

Que quer dizer...

MARQUEZA.

Já sei que o seu coração não está livre.

SIR WILLIAM.

Não está livre, tem razão. É todo da mulher que me deu provas de simpathia, quando eu me julgava só, na terra estrangeira,

MARQUEZA.

E se essa mulher não fôr tão bonita como a imaginou?

SIR WILLIAM, *pegando-lhe na mão.*

Essa mulher é um anjo, de certo.

MARQUEZA.

Faça-me o retrato da mulher anjo, que creou na sua fantasia.

SIR WILLIAM.

É uma crueldade, ter-me por tanto tempo na anciedade. Não me peça um retrato que póde não ser exacto; quando depende só de um gesto seu mostrar-me uma belleza, que de certo

ha de ser muito superior ao sonho que eu creei na minha imaginação.

MARQUEZA.

Talvez não. — Quero que me faça o retrato que lhe pedi; se elle fôr muito differente da realidade, deixal-o-hei na illusão. Este véu não se levantará.

SIR WILLIAM.

Não é V. Ex.ª que póde julgar dessa differença. . .

MARQUEZA

As mulheres não são tão modestas como julga, quando estão escondidas por detraz de um véu.

SIR WILLIAM.

Exige de mim o impossivel. — É uma terrivel situação a minha. Se o acaso me não inspirar, estou perdido; não verei nunca levantar-se esse véu cruel.

MARQUEZA.

Descreva-me com simplicidade as suas impressões. Quero saber tudo, porque. . . quero saber se posso ser amada.

SIR WILLIAM.

Póde; deve ser amada por todos.

MARQUEZA.

Talvez por todos, mas não por Sir William. — Tenho uma rival terrivel; é a sua imaginação.

SIR WILLIAM.

A minha imaginação vaguêa na incerteza: cria e destroe imagens indefinidas, fórmas incertas. . .

MARQUEZA.

Mas todas formosas. . .

SIR WILLIAM.

Em todas eu procuro represental-a. — A primeira vez que a encontrei, na serra de Cintra, cercada de nevoa, pareceu-me que via diante de mim, como o meu compatriota Glendinnig, a Dama Branca d'Avenel; ligeira, palida, diafana, com os olhos puros como uma gota de orvalho, os cabellos, loiros e finos, soltos ao vento. . .

MARQUEZA.

Ora! Isso não foi uma sonhada fantasia, foi uma recordação.

SIR WILLIAM.

Do romance de Walter Scott. . .

MARQUEZA.

Ou de seus primeiros amores, que já lá vão.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Concluir-se-ha.)

ZILLA.

Romance.

(Continuado de pag. 20.)

X

46 Era em terras de Granada;
As varzeas entresachadas
De madre-silva, e de rosas,
As larangeiras em flor:
As nascentes rebentando,
Jorros d'aguas prateadas,
Que susurravam saudosas
Como suspiros de amor.

A murta reverdecendo,
A amendoeira florida,
Com a aragem recendendo,
Suave perfume, e vida.

Findava a tarde amorosa;
O sol no roxo horisonte
Curvava a soberba fronte,
Radiante, e magestosa.

XI

Passára um anno d'ausencia;
Só mais um dia, e findava,
A saudade que magoava
Aquelle anjo d'innocencia;
Oh! que delicioso enleio,
Que suave ancia era aquella,
Que agitava o virgem seio
D'apaixonada donzella;
Da pobre Zilla innocente,
A quem volvia a ventura,
Por tão largo tempo ausente
Da sua alma ingenua e pura.

Mais um dia, e nos seus braços
Outra vez tel-o apertado;
Sentil-o ao peito casado,
Em longos ternos abraços:
Quantas lagrimas chorára;
Quantas dores padecêra,
Tudo a donzella esquecêra,
Tudo n'um ai deslembrára.

XII

Mollemente reclinada,
Sobre um docel de verdura,
Nestes sonhos enleada,
Por largo tempo ficou.
Do seio um ramo tirou:
Era o de murta florida,
Que fôra ha um anno colhida
Ao pé da fonte encantada,
Naquella hora magoada,
Que do amante se apartou.

Este *presente* sagrado
De seu innocente amor,
Por tristes prantos regado,
De cruel angustia, e dor;
Sobre o seu peito o trouxera
N'ausencia longa, e sentida,
E é tão grato recordar-se,
Da saudade quando a esp'rança
Brilha proxima na vida.

De prazer se lh'innundaram
Os olhos negros então,
Livremente rebentaram
Os prantos do coração,
Que a dôr tinha comprimidos;
E no rosto deslisaram
Como os orvalhos da flôr,
Pelo matutino alvor,
De entre os calices vertidos.
. . . .

XIII

Passados poucos instantes
Caminhando descuidada,
Pela alameda sombria,
A voz doce desprendia,
N'uma singella toada,
Sem arte; mas com bellesa
De verdadeira harmonia,
Que Deus poz na naturesa.

Desta rima acompanhava,
A melodiosa toada,
Que cantava.

« Em abril, quando a coroa,
Se touca do altivo monte
Quando rebenta a selva,
E se povoa,
De brancas flores a relva,
Estarei junto da fonte:
Nem do christão e inimigo
A embravecida peleja,
Fará com que eu não esteja
Lá comtigo. »

Assim me disse, e não tarda,
Essa desejada hora:
Ámanhã quando d'aurora
Raiar o primeiro alvor,
Meu amor . . . .
. . . .

XIV

Um grito anciado,
Do peito arrancou,
Que entre seus braços
Um vulto a tomou
E em rapidos passos
No bosque enredado
N'um ai se entranhou.

Nem mais um gemido;
Do cimo do monte
Surgia da lua,
A pallida fronte;
Ao longe o ruido
Das aguas distante,
E a brisa entre as folhas,
Passando inconstante.

R. A. DE BULHÃO PATO.
(*Continúa.*)

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO I.

A Procissão de Corpus Christi.

47 O romance contemporaneo entre nós, não se tem podido constituir como devia, menos pela defficiencia do talento, do que pela situa-

ção da sociedade. A vida aqui é tão acanhada, tão estreita, os acontecimentos tocam-nos de tão perto, respira-se tão abafadamente dentro desta atmosphera pesada e monotona das convenções, que se teme sempre talhar, segundo a phrase popular, uma carapuça, e de offender um individuo, na mais leve observação sobre os nossos costumes. Esta sociedade, que consome a sua veia intellectual, na analyse mais ou menos espirituosa do proximo, dir-se-ha que tem horror de si mesma, vendo-se retratada. Se Deus nos concedesse um Balzac, ter-nos-hia feito um favor esteril: o celebre romancista, em França, é um grande filosopho social, e um grande pintor de costumes; em Portugal talvez, não passasse de um libellista atrevido, ou de um desses genios sem futuro, que desbaratam os dotes eminentes da intelligencia, nos circulos da sociedade, deixando por unica tradicção de gloria, uma ou outra anecdota, desfigurada ás veses pela defficiencia dos narradores.

N'um paiz que fica quasi immovel, no meio das suas revoluções, a imaginação é uma faculdade que se dirige mais á analyse dos sentimentos, do que ao estudo dos caracteres, e da vida social: e dahi, o grande numero dos nossos poetas lyricos, comparado com as illustrações d'outro genero: o talento não póde libertar-se da influencia social, e nutrir-se de elementos que lhe faltam, e que o podiam engrandecer.

Havemos por isso, abandonar um ramo litterario, que é, por excellencia, a leitura do nosso publico?

E depois, apesar de confundidas, as nossas classes ignoram-se. A vida caseira, é a vida habitual, mesmo dos ricos e poderosos. As narrações mutiladas dos acontecimentos, não bastam ao conhecimento exacto dos costumes. E quantos mysterios passão inapercebidos, no meio da onda adormecida da vida lisbonense! Quantos crimes ignorados! Quantos brasões cubertos de lodo, e de sangue! Quantas mulheres virtuosas manchadas pela calumnia, e quantas mulheres culpadas absolvidas pelo cinysmo, ou pelo habito! Quantas frontes orgulhosas, que deviam cahir para a terra, se a justiça dos homens fosse tão completa como a justiça de Deus!

Nas nações pequenas, onde, em que pese aos orgulhos aristocraticos, quasi todos são primos, a morte lava todas as culpas, e apaga todos os delictos, o *necrologio panegyrico* é uma coisa banal na imprensa periodica, mas resume a indole do mundo lisbonense. « A terra lhe seja leve! » é a phrase sacramental, que pinta eloquentemente a indefferença filosophica com que se olha a morte, e a indulgencia admirativa que defende a memoria do finado.

Será isto um bem ou um mal? acaso não é injusto confundir na mesma exclamação a virtude e o vicio, o orgulho e o servilismo, a grandeza e a abjecção?

Estas interrogações exprimem, até certo ponto, o nosso pensamento. Ha uma grande falta de logica na estima dos individuos. Nem a morte desfaz as infamias da vida, nem o tempo legitima o escandalo de certas usurpações.

Vamos á procissão de *Corpus Christi*: e quem se não lembra della, por pouco que habitasse em Lisboa?

A procissão, a nosso vêr, serve para consignar uma tradicção, e para offerecer um pretexto decente á exposição das vaidosas distincções do mundo official. As janellas adornam-se daquelles velhos damascos franjados de oiro mareado, as ruas cobrem-se de areia vermelha, o exercito estende-se em alas, o povo atulha as ruas, e os elegantes matriculados, e os que o não são, passeiam a cavallo, olhando as sacadas apinhadas de senhoras, que se não poupam ao prazer de serem admiradas e vistas.

Um dos defeitos que o dominio mourisco havia deixado como herança e tradicção, ao povo de Lisboa — era a clausura. Lisboa só ha poucos annos, é que vê o sexo feminino passeando pelas ruas, frequentando os passeios, e suspirando pelos bailes. As procissões e as egrejas eram outr'ora os unicos pontos de reunião. Era ahi que começava e acabava esse facto social e religioso do casamento.

A procissão do Corpo de Deus era de certo uma festa universal, e a que ninguem faltava. Nesse dia, os habitantes desses bairros fabulosos, solitarios, e tristes, affluiam áquelle espetaculo. A população dava-se *rendez vous* nas ruas da baixa. Desde o amanhecer, já a multidão engrossava, e tomava logar para vêr o S. Jorge, e o *Homem de ferro*, dois personagens mythicos já na imaginação do povo, e sobre os quaes se exercia a critica mais ou menos engenhosa de todas as matronas previstas.

As procissões decahiram, pela nova vida que Lisboa tem tomado desde o dominio constitucional: entretanto a do *Corpo de Deus* ainda con-

serva restos do seu antigo esplendor, e o favor da concorrencia ainda se não perdeu de todo.

Eram já onze horas: a multidão vagava curiosa e impaciente, as carruagens abriam de vez em quando as ondas de povo, os cavalleiros tomavam logar nos angulos das ruas, e as janellas guarneciam-se de senhoras, esplendidamente vestidas e preparadas para fazer effeito.

No momento em que passava, rapido como um sonho, um trem magnifico, de certo pertencente á aristocracia, menos pelo brasão, adoptado geralmente pelos *parvenus*, mas pelo bom gosto das côres, salientes no envernisado da portinhola, um mancebo approximou avidamente a cabeça, lançou um olhar cheio de febre á mulher que olhava dominadora aquelle espectaculo, e bradou com um suspiro de angustia: «É ella!»

O gesto, e a palavra resumiam um desses grandes dramas de intima poesia, que vivem escriptos em letras de fogo no coração d'um homem, e que só podem intender as intelligencias superiores, desterrados pelo destino, a uma posição obscura, e inferior á sua ambição, e ao seu talento.

É que aquelle mancebo, pobre, ignorado, e devorado de miseria, amava uma mulher rica, nobre e poderosa: é que entre elles havia um abysmo, que só um milagre poderia fazer desapparecer: não eram só as distincções sociaes que os separavam, era tambem um outro sentimento activo, e energico nas almas elevadas — o orgulho!

O talento é uma faculdade ignorada antes de se vêr a braços com as necessidades poderosas da vida.

È um momento solemne o que precede a interrogação pungente que o homem faz a esse ser moral, que se chama consciencia, e diz comsigo: «Sinto, penso, desejo, como os outros homens? O que me palpita aqui dentro é uma aspiração esteril da vaidade, ou a voz grandiosa da intelligencia?»

E essa sublime incertesa, curtída de agonias, só acaba quando a ambição da gloria se apodera da alma.

Mauricio sentíra-se homem superior pelos impulsos do amor. D'um banco ignorado do theatro, vira uma mulher vestida de branco, bella como um anjo, rodeada das homenagens, e adorações do mundo, e amára-a: amára-a como se ama aos vinte annos, com o fervor d'um culto idolatra, com o fanatismo virgem d'um sentimento profundo.

E o que era elle, zero social, para poder dizer a essa mulher, sem que ella se risse de escarneo: amo-te, como amo a Deus, como amo a gloria, como amo a humanidade? — O fogo subia-lhe ás faces, ao reprodusir aquelle infernal sorriso, nas noites veladas nos sonhos febricitantes da paixão.

Então elle interrogou-se com angustia, e com esperança: perguntou a si mesmo, se Deus o havia destinado eternamente ao supplicio da obscuridade, se não poderia chegar um dia em que dissesse a essa mulher: sou grande, e offereço-te a minha gloria, sou poderoso, e offereço-te o meu poder, sou rei tambem pela intelligencia, e deponho a teus pés o meu sceptro, já engrinaldado pelas corôas do triumpho?

E conheceu que Deus lhe havia concedido essa realesa do genio, que raras veses reina pura e immaculada, que quasi sempre é reconhecida, quando as illusões da vida se desfolharam no coração, ou quando a pedra da lousa já quasi ameaça sellar para sempre no tumulo o corpo d'uma grande alma.

É assim. Cesar ao lêr a vida de Alexandre, chorava de enthusiasmo, e de magoa por nada haver feito para imitar aquella gloria: mas Cesar era romano, e annos depois a sua pena tão veloz como a sua espada, historiava a brilhante campanha das Gallias. Mas um homem atado ao cadaver d'um paiz, sente que não póde improvisar uma posição, nem agrilhoar a si a gloria pela grandesa da vontade: sente, que a sua carreira se resume n'um dilema pungente: ou mercadejar com as suas faculdades em traficos ignobeis, ser cortesão da mediocridade, para a dominar algum dia, ou esperar pelos acontecimentos, para que a sua onda o arremesse, puro e sem mancha, ao alvo da sua ambição. O tempo não se devora impunemente nestas sociedades lethargicas: e o que é receber pela corrupção um poder infamado, e deixar de dia para dia, um sentimento nobre, nesta carreira fatal, que conduz um cadaver moral á abjecção d'uma grandesa impostora?

Esta divagação explica a situação do mancebo. Era ella que passava tão bella como de antes, cada vez mais adorada, mas que nem lhe dava como esmola um desses olhares, que ao menos alimentam a esperança e illudem a imaginação. Para ella, elle que a amava, que a engrandecia nos seus pensamentos, era um espectador vulgar como os outros: — «é a immensidade do meu or-

gulho, que me affasta ainda mais de ti, do que as tradicções do teu nascimento, e o explendor das tuas riquezas!» — pensou elle n'um momento daquella dignidade que o talento só perde, quando se affoga no lodaçal immundo das torpeses politicas, e dos gosos devoradores.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

18 a 24 de Outubro.

DIARIO N.º 246.

48 Portaria approvando a provisão do Ex.mo Patriarcha para a creação de um curso biennal de disciplinas ecclesiasticas, em quanto se não organisa o seminario de Santarem.

DITO N.º 247.

Auto de licença concedida para a exploração e lavra de uma mina de carvão de pedra, situada na quinta das Lages, concelho de Coimbra.

Resumo do lançamento da Decima e Impostos annexos do 2.º semestre de 1848 no Districto de Leiria. È a sua importancia de 18:505$940 réis.

DITO N.º 250.

Duas Portarias providenciando ácerca das obras que se vão emprehender para o desentulho do rio de Alcantara.

DITO N.º 251.

Regulamento para a secretaria do Conselho de Saude Publica.

Portaria approvando a proposta feita pelo Banco Commercial do Porto para o desconto de 80 contos de réis de letras do Thesouro.

Condições com que o Banco Commercial do Porto subscreve para o desconto dos 80 contos de réis de letras do Thesouro.

PROCISSÃO DO SANCTO MILAGRE EM SANTAREM.

49 No dia 19 do corrente, em a notavel Villa de Santarem, teve logar a Procissão do Santissimo Milagre a que assistimos e por isso, nos julgamos habilitados para descrevel-a, senão com elegancia de estillo, ao menos com verdade de narração. É a Procissão do Santissimo Milagre mui respeitavel e notavel, não só pelo seu objecto principal, mas tambem pelo grande apparato e pompa que n'ella se observa, e porque não costumando sahir, senão em circumstancias calamitosas, sempre o coração toma grande parte em tal solemnidade; e o coração é tudo! Pelas 3 horas do sobredito dia, principiou a sair a Procissão da egreja dos Capuchos, na seguinte ordem: adiante as Confrarias do Santissimo e mais Irmandades, não só de Santarem, mas de todo o Arcediagado, em numero de setenta e cinco, faltando algumas por impossibilidade; em seguida o clero não só da Villa, porém do Arcediagado, sendo obrigados a comparecer todos os parochos; fechava a Procissão o Pallio, e debaixo delle, hia o Em.mo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, levando em suas mãos a Custodia com o Santissimo Milagre, objecto da maior veneração para todos os fieis e o brazão de que mais se honra a Villa de Santarem.

Atraz do Pallio iam, o Ex.mo Governador Civil, as Camaras Municipaes de Santarem, Cartacho etc. e todas as auctoridades civis e militares, assim como varios cavalheiros de Santarem e outras terras.

Uma guarda de honra de voluntarios de Santarem, no maior aceio, com a sua competente muzica acabava de fechar todo o prestito. Um immenso concurso de povo seguia a Procissão, que (depois de percorridas as ruas do estillo, e tendo procedido na melhor ordem) recolheu á egreja parochial de Sancto Estevão, vulgo do Milagre. É preciso por honra dos Santarenos, dizer alguma cousa sobre a decencia, ou antes, grandesa em que se achavam as cazas e ruas do tranzito: estas ultimas estavam todas cobertas com toldos e areadas; e as portas, janellas e até as paredes das cazas se achavam forradas com ricas armações de seda e veludo. Tres altares (segundo o antigo uzo) foram levantados em tres differentes ruas do transito, e (tambem por velha uzança) está a cargo dos aferidores das differentes medidas, a armação e decente preparo destes altares; diga-se pois, em abono da verdade, que estavam não só decentes, mas ricamente armados; junto de cada um parava a Procissão e collocada a Custodia sobre o Altar, era adorado e incensado pelo Prelado o Santissimo Milagre, em quanto o côro entoava o *Tantum ergo* o que excitava a devoção do povo. Este uzo dos Altares bastante conhecido em França pelo nome de *reposoires*, entre nós os Portuguezes, só o vêmos praticado na Procissão do Sancto Milagre; e por isso julguei mencionar esta particularidade.

As ruas e praças de Santarem achavam-se apinhadas de povo, que correu, não só da villa como de diversas terras ainda distantes, e, parece-me, que não estariam ahi menos de vinte mil pessoas, guardando todas o maior respeito e acatamento; e não havendo a lamentar a mais pequena alteração do socego e ordem publica, pelo que merece louvor o povo, que cumpriu o seu dever, e a auctoridade que previniu, com suas acertadas medidas, qualquer occorrencia desagradavel.

Cumpre, neste logar, consignar os devidos louvores ao nosso Em.mo Prelado, que para exemplo dos bispos, e para edificação e proveito das suas ovelhas, cumpre tão bem os seus deveres pastoraes.

As auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, e os habitantes de Santarem, que, de mãos dadas, concorreram para dar a este acto solemne o devido lus-

tre e pompa, merecem todo o elogio; e, se aos corações catholicos é dada alguma consolação, depois de vêr ultrajada a Magestade Divina, consolemo-nos todos, vendo reparada, tanto quanto cabe nas humanas forças, a grave offensa feita á Divindade, no desacato ultimamente commettido em Santarem.

Lisboa, 20 de Outubro
de 1849.

MARQUEZ DE PENALVA.

COLLEGIO.

50 Sempre fomos mui remissos em recommendar — collegios de educação — por que todos sabemos o estado em que se acha a maior parte dos que ha nesta cidade. Mas pessoa que nos deve todo o conceito, nos informa que o collegio de educação de meninas, estabelecido na rua do Oiro, n.º 194, de que é directora e mestra, D. Luiza de Aragão, se faz digno de se recommendar ao publico, pela boa doutrina e instrucção que alli adquirem as discipulas, por excellentes methodos e preços muito mais modicos do que n'outros collegios. A directora que é allemã (mas falla perfeitamente o portuguez) tambem ensina a sua lingua.

PRAÇA DE LISBOA.

24 de Outubro.

51 Fundos publicos de 5 por cento, 52 — a noticia da alta dos fundos portuguezes em Londres, promoveu procura na praça de Lisboa, pelo preço citado. — Acções do Banco de Portugal, em virtude de ordens para compra, subiram de 410$000 réis a 420$000. — Desconto das Notas do Banco de Lisboa, compra, 980, venda 1$000 réis.

Cereaes em 17 de Outubro.

Trigo do reino rijo	de 350 a 430	réis	a bordo.
» » molle	de 410 a 450	»	»
» da ilha	de 330 a 380	»	»
Milho do reino	de 210 a 220	»	»
» da ilha	de 180 a 190	»	»
Cevada do reino	de 190 a 200	»	»
» da ilba	de 170 a 180	»	»
Centeio do reino	de 210 a 220	»	»

Cambios em 20 de outubro.

Londres 30 d. v.	$53\frac{1}{8}$
» 60 d. v.	54
» 90 d. v.	$54\frac{1}{4}$
Paris 100 d. v.	521
Hamburgo 3 m. d.	50
Amsterdam »	$44\frac{1}{4}$
Porto	Ao par.

Estado do mercado, em 24 de Outubro.

Assucar de Pernambuco B.	1$200 a 1$400	réis.
» do Rio B.	1$200 a 1$350	»
Assucar da Bahia B.	1$200 a 1$350	»
» mascavado novo	1$050 a 1$150	»
» » velho	$850 a 1$000	»

Este artigo acha-se mais frouxo, tendo chegado porções de Pernambuco e Bahia, das quaes tem havido vendas somente para o consumo. Os compradores acham-se mais desanimados.

Cacáo	1$700 a 1$750	réis.

Preços nominaes.

Caffé, 1.ª sorte	1$900 a 2$050	»
» 2.ª »	1$800 a 1$850	»
» 3.ª »	1$650 a 1$750	»
» Escolha	1$000 a 1$100	»

O deposito é diminuto, e poucas vendas se tem effectuado. — Faltam as boas qualidades.

Cera de Angola B.	$230 a $235	réis.
» » A.	$225 a $226	»

Houve algumas vendas.

Marfim de lei	$950 a 1$000	»
» meão	$830 a $850	»
» escravelho	$550 a $600	»

O mercado acha-se falto deste artigo, o qual tem tido prompta saída para reexportar.

Urzella	6$000 a 6$500	réis.

Não nos consta que houvesse vendas.

PRAÇA DE LONDRES.

52 Foram, em 16 de outubro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		196	198	Por 100.
Consolidados	3 p. %	$92\frac{5}{8}$	$\frac{1}{2}$	»
Redusidos	3 »	91	$91\frac{1}{8}$	»
Fundos	$3\frac{1}{2}$ »	92	$92\frac{1}{2}$	»
Exchequer bills de Março		44	47	Premio.
» » de Julho		—	—	

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$ »	—	—	
Brasileiros	5 »	83	85	Por 100.
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	$16\frac{1}{4}$	$16\frac{1}{2}$	»
Ditos	$3\frac{1}{2}$ »	$33\frac{3}{4}$	$34\frac{1}{4}$	»
Hollandezes	4 »	82	83	»
Ditos	$2\frac{1}{2}$ »	$53\frac{3}{4}$	$54\frac{1}{4}$	»
Mexicanos	5 »	$27\frac{1}{4}$	$27\frac{3}{4}$	»
Portuguezes	4 »	33	34	»
Ditos consolid. 1841.	—	32	33	»
Russos	5 »	106	109	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa	$53\frac{1}{8}$		Por 1$000 rs.
Porto	$53\frac{1}{4}$	$\frac{5}{8}$	»
Rio de Janeiro	26		»
Paris	$25\ 62\frac{1}{2}$	$25\ 67\frac{1}{2}$	Lib.